

700851

Biblioteca - Unemat - PLA



00013990

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N.º	13990
Data	19 / 08 / 2009
() Compra (x) Doação () Permuta	

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITARIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Flávia Aparecida Ramos de Souza

O livro didático de Língua Portuguesa no contexto da sala de aula

371.671
57292
2008

Pontes e Lacerda
2008

Flávia Aparecida Ramos de Souza

O livro didático de Língua Portuguesa no contexto da sala de aula

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientador (a): Elizangela Patrícia Moreira da Costa

Pontes e Lacerda
2008

Essa monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Prof^a. Esp. Elizangela Patrícia Moreira da Costa

Prof^a. Ms. Ana Maria Machado

Prof^a. Vanessa Fabíola de Faria

Local e data da aprovação

Dedico esse trabalho a meus pais queridos
que sempre me apoiaram nessa caminhada,
compreendendo e suportando os momentos de
tensão vividos até o término desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Desde que adentrei na Universidade sempre tive o objetivo de aprender e edificar o meu conhecimento a cada instante. Sempre valorizei os ensinamentos ministrados pelos professores e o mais importante, aprendi a colocá-los em prática.

Além dos ensinamentos ministrados pelos professores, aprendi muito com as amizades que fiz no decorrer desses anos. Fiz amizades que se tornaram tão sólidas que tenho o prazer de nomear esses meus amigos como membros da minha família. Dentre eles estão a Tariane e a Cristiane (ambas alunas do curso de Ciências Biológicas), João, Mara e Fernando. Tive muitos outros amigos que são importantes pra mim e tem seu lugar reservado na minha vida, mas dentre todos os que foram elencados foram e são pessoas muito importantes pra mim, portanto quero agradecê-los pelo apoio e o privilégio de poder tê-los como meus amigos.

Também agradeço a professora Elizangela Patrícia, que num momento de sorte pude tê-la como minha orientadora no término desse trabalho. E agradeço também aos professores que colaboraram com nossa pesquisa.

Mas Deus é o centro dos meus agradecimentos, sem ele eu não teria conseguido terminar essa jornada, pois é Nele que encontrei abrigo nos momentos de tensões e angústias pelo qual passei no decorrer desses anos.

RESUMO

Para entendermos a proposta do nosso trabalho de conclusão de curso é necessário atentarmos como o livro didático, ao longo dos anos tem sofrido mudanças motivadas por um contexto histórico e político no qual está inserido e que altera o seu uso em sala de aula, dessa maneira nosso objetivo é verificar como essas mudanças afetam o uso desse material didático em sala de aula a partir da experiência de três professores de uma escola pública da cidade de Pontes e Lacerda. Fundamentamos-nos em vários teóricos importantes que nos auxiliaram a pensar sobre o processo de utilização do livro didático de língua portuguesa na sala de aula. Dentre eles, Magda Soares, Luciana Assis e Silva, João Wanderley Geraldi, Dionísio, Bakhtin e Antônio Batista.

Nosso trabalho foi baseado em dois pontos muito importantes: fundamentação teórica acerca da história da Disciplina Língua Portuguesa e do livro didático de Língua Portuguesa; e a pesquisa de campo com entrevistas feitas com três professores de Língua Portuguesa, sendo cada um deles com grau de experiência diferente em relação à atuação docente. Após as leituras do histórico da disciplina Língua Portuguesa e do livro didático e da análise dos dados coletados, chegamos a alguns pontos-chaves em nosso trabalho: a extensão do conteúdo; o estudo da gramática; a extensão dos textos, a partir desses pontos e juntamente com o referencial teórico nossa análise está fundamentada.

Palavras-chave: contexto histórico – livro didático -

SUMÁRIO

Introdução	08
1. Contexto Histórico	10
1.1 A história da disciplina Língua Portuguesa: contexto histórico	10
2. O livro didático no contexto escolar	16
3. O uso do livro didático de Língua Portuguesa: Histórias narradas por professores	22
4. Considerações finais	29
Bibliografia	30
Anexos	

INTRODUÇÃO

Pensar o campo da Educação, no que se refere ao livro didático, é nos deparar com os inúmeros temas de pesquisas e as várias possibilidades de olhares investigativos. Atualmente, cogitar a educação sem o livro didático é praticamente impossível, não porque o livro didático deva ser a peça fundamental em sala de aula, mas sim, porque não há como negar a representatividade deste na constituição do saber histórico escolar, visto apresentar-se como importante referência para o professor e para o aluno, especialmente no Ensino Fundamental, foco desta pesquisa.

Batista e Rojo (2005:19) consideram que o aumento das pesquisas sobre o livro didático, *pode estar ligado, dentre outros fatores, a mudanças ocorridas, a partir de 1997, nas políticas públicas para o livro didático no País* com o advento do Programa Nacional de Avaliação do Livro Didático (PNLD). E ainda apontam os temas de maior concentração de interesse das pesquisas que se voltam ao livro didático. Dentre eles, citaremos alguns: em primeiro lugar, conteúdos e metodologia de ensino (57%), trata-se dos estudos que se voltam, por exemplo, para o tratamento dispensado pelos livros à leitura, à gramática e à produção de textos em livros de língua portuguesa etc.; em segundo lugar, o conteúdo ideológico (10,48%); em terceiro lugar, a produção do livro didático (7,42%), e em quarto lugar o uso de livros didáticos, representando 5,68% da concentração de pesquisas.

Percebemos que o uso de livros didáticos representa ainda uma pequena fatia da variedade dos temas de interesse das pesquisas que tomam como objeto o livro didático. Por essa razão, tomamos o livro didático de língua portuguesa como objeto desta pesquisa, que tem como objetivo investigar o seu lugar e sua representatividade no uso que o professor de língua Portuguesa faz do mesmo na sala de aula.

A priori, era de nosso interesse refletir sobre essa questão por meio das análises das entrevistas de três sujeitos professores, de uma série/ano do ensino fundamental, de uma escola pública de Pontes e Lacerda, para em seguida, observar a prática desse professor, com o objetivo de obter elementos mais consistentes que evidenciassem o uso do livro em sala de aula, modificamos nossa estratégia optamos por trabalhar apenas com entrevistas com três professores, sendo um mais antigo na escola, um mais novo e um intermediário. Nosso objetivo é verificar por meio do relato de décadas diferentes de experiências, de que maneira o livro didático contribui com a tessitura da constituição do saber escolar. E assim,

escolhemos a Escola Estadual 14 de Fevereiro, por ser uma das mais antigas da cidade, teríamos os professores que nos interessava para a pesquisa, fizemos os convites e demos início aos nossos trabalhos.

Segundo Assis e Silva (2007) tomar o livro didático como objeto de estudo é ter a clareza de que ele, assim como a escola, está inserido em um contexto histórico-político e cultural perpassado pelas ideologias do tempo e lugar em que foi produzido. Tomá-lo, ainda, no contexto da sala de aula é conceber a sua história de uso atrelado à própria história da disciplina.

Sendo assim, um estudo que problematize o livro didático de Língua Portuguesa deve transpor-se pelo contexto histórico da disciplina, com o objetivo de compreender o lugar que o livro didático ocupa em sintonia com o percurso traçado pela língua materna até instituir-se disciplina no currículo escolar brasileiro.

Por esse motivo, tratamos brevemente, no primeiro capítulo, da história da disciplina, para em seguida, tratarmos do livro didático, o contexto em que ele se insere, e em que momento ele entra para a história da disciplina de maneira a fazer parte da vida do professor e do aluno, em sala de aula. E por fim apresentamos as análises das entrevistas dos professores sujeitos, seguidas das considerações finais.

1. CONTEXTO HISTÓRICO

1. A história da disciplina Língua Portuguesa: contexto histórico

A inclusão da disciplina de língua portuguesa no currículo da escola só ocorre nas últimas décadas do século XIX, já no fim do Império (SOARES: 2002 pp.157).

Segundo Soares (2002), nos primeiros tempos do nosso país, a língua portuguesa estava ausente não só do currículo escolar, como também do intercuro social. Isto porque três línguas conviviam no Brasil Colônia: ao lado do *português* trazido pelos colonizadores, existia uma *língua geral*, que remontava as línguas faladas pelos indígenas brasileiros, provenientes de um mesmo tronco, o tupi; a terceira língua era o *latim*, nele se fundava todo o ensino secundário e superior dos jesuítas. No convívio social cotidiano, pela praticidade da comunicação entre portugueses e indígenas prevalecia a *língua geral*, sistematizada pelos jesuítas e utilizada para evangelizar os índios.

Em meados do século XVII, poucos privilegiados iam à escola para aprender a ler e escrever em português, que ainda não era um componente curricular, mas apenas um instrumento de alfabetização.

Até meados do século XVIII, com a Reforma de Estudos implantada em Portugal e suas colônias por Marquês de Pombal, quem dominava o ensino eram os jesuítas, por isso da alfabetização passava-se ao ensino do latim, no ensino secundário e a gramática latina e retórica no ensino superior, como determinava o *Ratio Studiorum*, programa de estudos da Companhia de Jesus, implantado por todo o Brasil. Segundo (SOARES: 2002) até a primeira metade do século XVIII essa determinação, que não dava lugar à língua portuguesa no currículo, foi obedecida sem resistência. Isto primeiramente, porque os poucos que se escolarizavam pertencia à camada privilegiada, e tinham por objetivo seguir o modelo educacional da época, fundamentada na aprendizagem do latim e *através do latim, fugindo à tradição dos sistemas pedagógicos de então atribuir às línguas nacionais estatutos de disciplina curricular*. (SOARES: 2002 pp. 159); em segundo lugar, porque o português não era a língua dominante no convívio social; e em terceiro lugar, porque o português ainda não se constituía em área de conhecimento para gerar uma disciplina curricular.

Através das reformas pombalinas, implantadas no ensino de Portugal e suas colônias nos anos 50 do século XVIII, tornou-se obrigatório o uso da língua portuguesa no Brasil,

proibindo o uso de quaisquer outras línguas e isso contribuiu significativamente para a consolidação da língua portuguesa no Brasil e de sua inclusão e valorização na escola.

Desde a reforma pombalina até fins do século XIX, estudos relativos à língua se fizeram em dois conteúdos: gramática e retórica, que hoje poderiam ser chamadas de disciplinas curriculares.

Dessa maneira, a gramática da língua latina, já presente como conteúdo curricular no sistema jesuítico continua presente e, após a reforma pombalina, o ensino da língua passa a conviver com a gramática do português. À medida que o latim vai perdendo seu uso e, conseqüentemente, seu valor social, a gramática do português vai ganhando autonomia. Também a retórica persistiu como componente curricular, que, a partir da reforma, passa a ser estudada também em autores de língua portuguesa. Ela já não mais é estudada para fins eclesiásticos, mas também para a prática social (a arte de “falar bem”).

Pode-se perceber a importância da retórica no Brasil do século XIX, analisando os manuais de retórica e poética que constituíam os livros didáticos do ensino médio, o que evidenciava o lugar da oratória na sociedade brasileira do século XIX, conforme afirma Brandão (*apud* SOARES: 2002 pp. 163).

Segundo Soares (2002), testemunham a presença das disciplinas retórica e poética nas escolas, da segunda metade do século XIX, os livros didáticos produzidos nessa época: gramáticas e manuais de retórica. Segundo a autora, a retórica, a poética e a gramática eram as disciplinas *nas quais se fazia o ensino da língua portuguesa até o fim do Império*. (SOARES: 2002 pp.164) a partir de então, elas foram fundidas em uma única disciplina: o Português.

Até os anos 40 do século XX, a tradição da gramática, da retórica e da poética manteve-se, porque a clientela da escola continuava a ser a mesma, o grupo social e economicamente privilegiado, aos quais continuavam a ser útil às mesmas aprendizagens. Persistiu, dessa maneira, a disciplina gramática para a aprendizagem do sistema da língua e a retórica e a poética no ensinamento do falar bem – que já não era uma exigência social. Assim, nos primeiros anos do século XX, verifica-se a existência das gramáticas e coletâneas de textos, dois diferentes e independentes manuais didáticos.

É a partir dos anos de 1950 que uma real mudança no conteúdo da disciplina português começa a ocorrer. Com a democratização da escola – em função da reivindicação, pelas camadas populares, do direito à escolarização – passam a freqüentar os bancos escolares das salas de aulas, não mais os filhos da burguesia, mas também os filhos dos trabalhadores e em 1960, o número de alunos quase triplica. Como consequência disso

ocorreu um recrutamento mais amplo e menos seletivo de professores, sendo assim, as necessidades e exigências culturais passam a ser outras bem diferentes.

Antes das reformas no ensino do português o professor usava em sala de aula as *Antologias*, que eram segundo Soares (2002), o livro didático composto por uma coletânea de textos e era desprovidos de explicações e exercícios ou qualquer tipo de questionário. Esse tipo de material fazia ressaltar o perfil do professor daquela época:

[...] o que evidencia a concepção de professor da disciplina português que se tinha à época: aquele a quem bastava que o manual didático lhe fornecesse o texto, cabendo a ele, e a ele só, ensiná-lo e propor questões e exercícios aos alunos. (SOARES: 2002 pp.166)

Segundo Assis e Silva (2007¹) os professores eram responsáveis pelo direcionamento da aula e eles mesmos faziam uso do seu conhecimento para ensinar através dos textos o funcionamento da língua, criando entre eles uma prática muito comum, de não seguir normas nem regras para ensinar a língua portuguesa na sala de aula.

O mesmo deveria estar preparado adequadamente para ensinar e deveria ter domínio de conteúdo e a eficiência de ensinar com qualidade, porém esse papel ocupado pelo professor foi substituído pelo livro didático a partir de 1950, pois novas leis e determinações políticas transformaram e inverteram os papéis que ocupavam o livro didático e o professor na sala de aula.

Segundo Soares (2002), em 1950 no ensino da língua portuguesa é evidenciada a *primazia* da gramática sobre os textos. A autora justifica esse fenômeno pelo fato de existir no histórico de ensino da língua portuguesa essa tradição, através do ensino que os jesuítas se responsabilizavam em ministrar.

Em 1964 (Soares: 2002 pp.169), as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais trazidas pela instauração do governo militar, influenciaram novas mudanças na escola e também no ensino do português. Esta sofreu uma mudança radical em decorrência da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a lei nº. 5692/71. A nova lei, sob a égide desse governo, reformulou o ensino primário e médio, com vistas a atender os objetivos e ideologias da ditadura militar. Nesse contexto, a disciplina *Português* passa a denominar-se

¹ Trecho extraído do texto da Profª. Ms. Luciana Vicência do Carmo de Assis e Silva. Material disponibilizado pela referida professora no minicurso *Livro didático: cenário brasileiro mato-grossense* ministrado por ela em Pontes e Lacerda no EEL/2007. Constitui parte da dissertação de Mestrado em Educação da professora pela UFMT. 2007

Comunicação e Expressão, nas primeiras séries do então criado 1º grau e *Comunicação em Língua Portuguesa*, nas séries finais.

Segundo Assis e Silva (2007) nos anos 70 surge, no Brasil, um novo quadro referencial teórico para estudo da Língua, a Teoria da Comunicação. A língua passa a ser concebida como *comunicação*. Os objetivos, a partir de então, passam a ser mais pragmáticos, com foco no desenvolvimento do uso da língua. Deve-se preparar o aluno para ser um emissor e receptor de mensagens, através da utilização e compreensão dos códigos diversos, sejam eles verbais ou não-verbais.

A linguagem passa a ser considerada meio para a comunicação. Como ratifica Taguchi (1994) *apud* Assis e Silva (2007), a língua era:

Tudo que comunicasse e que servisse para comunicar. Não interessava a forma, o importante era a comunicação, a mensagem. [...] É provável que foi com essa visão que a escola passou não só a proclamar a língua, mas também a ensina-la às crianças, aos jovens e aos adultos. (ASSIS E SILVA: 1994 pp.94)

Segundo Clare², alguns dos motivos que impulsionaram o governo a determinar essa nova mudança na disciplina Língua Portuguesa seriam o fato de a nova clientela não estar adaptada ao ensino da gramática normativa e os professores não estarem preparados para ensiná-los, portanto facilita-se através da interpretação dos códigos e imagens a aprendizagem da língua portuguesa. Opta-se, portanto, *por um ensino utilitário com a língua voltada para a oralidade menos normativa e, portanto, menos rigoroso, em relação aos padrões cultos da língua*.

Soares enfatiza que:

O alunado tornou-se outro, radicalmente diferente, os professores passaram a ser formados em instituições específicas, mas, ao mesmo tempo, passaram a originar-se de grupos sociais menos letrados; as concepções de língua e de ensino continuam, porém as mesmas. Talvez este distanciamento entre fatores externos e fatores internos seja a principal explicação para o tão citado e comprovado fracasso do ensino e da aprendizagem do português. (SOARES: 2005)

Nesse período passou-se a questionar se a gramática deveria ser ou não ensinada nas escolas brasileiras. Estas passariam a aproveitar tudo da expressão do aluno, pois segundo

² 50 anos de ensino de língua portuguesa (1950-2000) – texto de Nícia de Andrade Verdini Clare - extraído da internet na página <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-5.html>

Taguchi (1994 *apud* Assis e Silva 2007), na concepção da Teoria da Comunicação haveria de preocupar-se menos com o ensino da gramática e mais com o emprego desta pelo usuário no processo de comunicação.

Com base em Soares (2005) e Clare, verifica-se na história da Língua Portuguesa que, mesmo com a introdução de uma nova teoria de ensino, o problema do ensino/aprendizagem da língua portuguesa ainda persiste no decorrer dos anos 70, 80 e 90. Nesse contexto do final dos anos 70 e início dos anos 80, a certeza do caos já é notória, o declínio da disciplina *Comunicação e Expressão* foi inevitável e voltou a chamar-se Português.

A perspectiva instrumental que perdurou na década de 70 e os primeiros anos de 80 vêm sendo questionados como consequência dos estudos das variações lingüísticas e psicolingüísticas, o que possibilitaram avanços no que se refere à aquisição da escrita.

Em contraposição à perspectiva instrumental, novas pesquisas sobre a língua passam a ser norteados pela tendência que considera a linguagem como processo de interação verbal. Concepção esta defendida por Bakhtin:

A verdadeira substancia da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua. (BAKHTIN: 2002 pp.123)

Pautado pela concepção de linguagem como interação social, a partir da década de 1980, Geraldi divulgou reflexões e propostas para o ensino da língua. Suas reflexões sobre a linguagem, o ensino da língua, incluindo o ensino da leitura e da escrita foram pautadas em uma abordagem interacionista e fundamentadas nas contribuições de teorias como a Análise do Discurso, Teoria da Enunciação e da Sociolingüística.

Sob o ponto de sócio-interacionista, Geraldi propõe o ensino da língua pautado em três práticas: a prática de leitura de textos; a prática de produção de textos; e a prática de análise e reflexão sobre a língua. Nessa perspectiva, saber a língua é dominar *as habilidades de uso em situações concretas de interação, entendendo e produzindo enunciados adequados aos diversos contextos, percebendo as dificuldades entre uma forma de expressão e outra*. (GERALDI: 1997 pp.89)

Segundo Clare a partir desse novo quadro do ensino da língua portuguesa, o governo decidiu em 1970 incluir redações nos vestibulares *acreditando-se em que se teria nessa atitude a solução para a crise*. Mesmo assim, nos anos de 1985 com o evidente despreparo dos vestibulandos que ainda redigem mal e não sabem interpretar aquilo que lê passa ser exigido nas provas do 1º e 2º graus *leitura e redação*, porém aquilo que os alunos passam a ler não condiz com a faixa etária e, além disso, os professores passam a exigir com exatidão essas leituras nas provas.

Alguns professores tentam sanar o problema com a dificuldade de interpretação de textos oferecendo a leitura de textos com linguagem coloquial, ou seja, uma linguagem que facilitaria a interpretação do texto por parte dos alunos, porém os recursos de expressão presentes em algumas obras como as de Lígia Bojunga, por exemplo, eram esquecidos.

Clare ainda reitera que na década de 90 as provas do vestibular não são mais de múltipla escolha, elas passam a preocupar-se com a *expressão escrita dos candidatos*, através de questões que forcem o aluno a ter um conhecimento da língua.

Observa-se que não se excluiu a importância do ensino da gramática como se tentou fazer nos anos anteriores e nem deixou de compensar a importância da interpretação do aluno em relação à produção.

Pode-se considerar, a partir dessas transformações, que houve um grande avanço na concepção que se tinha do ensino da linguagem, pois passou-se a discutir a finalidade e os conteúdos que cercam o ensino da língua portuguesa nas escolas do Brasil.

Na universidade, a preocupação com a formação dos professores de Letras é maior, passa-se a ser cobrado pós-graduação dos mesmos, a fim de melhorar a qualidade. O governo cria os PCNs, responsável pela padronização e orientação do ensino da língua portuguesa. Além da criação dos PCNs, o MEC cria o provões como o SAEB e o ENEM a fim de *apontar as Universidades que apresentam grandes falhas no ensino*.

As Universidades passam a partir de então, buscar melhorias em seu quadro de professores, pois, a avaliação feita pelo Provão a partir de então seria feita nos meios de comunicação em massa, fazendo com que toda a sociedade obtivesse a informação de quais Universidades estavam aptas a formar profissionais com qualidade de ensino. Diante disso é importante pensar que novas discussões sobre o ensino da Língua Portuguesa surgirão, pois a Educação está em constante transformação, assim como desde os tempos de Brasil - Colônia até os dias hoje.

2. O livro didático no contexto escolar

Pensar a sala de aula com o livro didático é inevitável. Esse material impresso alcançou tão grande proporção ao longo da história da língua portuguesa que se tornou praticamente impossível nos dias de hoje o professor ministrar aulas sem ele.

Historicamente assim como já mencionado nas páginas anteriores, o livro didático veio instaurar-se na escola com o objetivo de ajudar o professor no direcionamento da aula, pois a partir 1950 o aumento repentino de alunos na escola triplicou e o professor encontrava-se diante de uma multiplicidade de alunos, cada um com um grau de conhecimento diferenciado. Dessa forma, o professor que não estava preparado para essa demanda, precisava de um material que desse suporte nas aulas.

Assim, como ratifica Geraldi (1997), a solução para esse despreparo do professor pareceu simples: oferecer-lhe um livro que, sozinho, ensinasse aos alunos tudo o que fosse preciso.

Os livros didáticos seriam de dois gêneros: verdadeiros livros de textos para os alunos, e livros-roteiros para os professores, para que aprendessem a servir-se bem daqueles. Automatiza-se, a um tempo, o mestre e o aluno, reduzidos a máquinas de repetição material. (GERALDI: 1997pp. 117)

Segundo Soares (2002), com essa mudança no perfil escolar a partir dos anos 50, os manuais didáticos passam a incluir atividades e explicações sobre os textos. O livro assume a partir de então a responsabilidade de formular e direcionar a aula, tarefa, que, até então, era responsabilidade exclusiva do professor. Como vimos no capítulo anterior, o único material usado pelo professor no século XVIII era a Antologia, uma coletânea de textos desprovida de qualquer tipo de exercício. Realidade modificada a partir da década de 50.

Com o tempo várias mudanças foram sendo necessárias ao livro didático e a primeira delas ainda na Antologia Nacional, no qual Carlos Laet incluiu alguns textos e autores. A segunda mudança, já na 25ª edição, foi a revisão e modificação por Daltro Santos, que visava:

[...] adaptá-las ao programa do segundo ciclo dos estudos secundários, na nova organização do ensino

determinada pela Lei Orgânica do Ensino Secundário, promulgada por Gustavo Capanema, em 1942. (SOARES, 2001:39)

Segundo Soares (2001) e Soares (2002) a Reforma Educacional realizada por Gustavo Capanema foi o passo inicial para muitas outras reformas suscitadas a partir de então, até culminar na grande revolução democrática escolar gerada ainda nos anos 40. É nesse período que observamos o desprestígio em relação à adoção das antologias nas escolas, pois as escolas-modelo como Colégio Pedro II, Escola Normal e Colégio Militar, tradicionais Instituições de ensino no Brasil, freqüentada pela classe dominante, já perdem seu espaço nesse período devido a freqüente multiplicação das escolas e também a adoção de outros materiais didáticos adaptando-se a nova geração de alunos que agora freqüentam os bancos escolares.

Nos manuais didáticos também houve transformações quanto a sua estrutura. Até os anos 30 as antologias eram caracterizadas como uma série de textos, estes seguindo uma ordem em relação aos períodos literários e culminaria em um único volume de 600 páginas que por sua vez era usado em todas as séries. Portanto é nos anos 40 que o livro passar a abrigar além de textos também a gramática, ambos passa a ser encontrados no mesmo material, porém cada um ocupa um lugar no livro.

Segundo Soares (2002), em 1970, com a Teoria da Comunicação, o ensino da gramática portuguesa se desprende das normas cultas e passa-se a dar ênfase na utilização das figuras como um apoio na interpretação dos códigos não verbais da língua. O livro didático começa a “pecar” em relação ao conteúdo que passa a caracterizar-se como ideológico e discriminatório e, além disso, encontrava-se desatualizado, com conceitos incorretos e pouca metodologia.

Já nos anos 40 com o advento da transformação educacional, a antologia sofreu mais algumas mudanças:

[...] a partir dos anos 40, que os conceitos de “econômico” e “portátil” começam a alterar-se, e os manuais didáticos para o ensino de Português passam a fragmentar-se em volumes para as diferentes séries. Inicialmente, o volume único para todas as séries do ensino secundário, como se apresentam as antologias nas primeiras décadas do século XX foi substituído por dois volumes: um volume para cada duas séries. (SOARES, 2001:48)

A situação em que se encontrava o livro didático forçou o MEC – Ministério da Educação e Cultura – através das denúncias relacionadas à qualidade do livro didático a tomar algumas atitudes mais diretas em relação ao livro.

Segundo Batista (2003):

[...] estudos e investigações sobre a produção didática brasileira vinham, reiteradamente, desde meados da década de 1960, denunciando a falta de qualidade de parte significativa desses livros: seu caráter ideológico e discriminatório, sua desatualização, suas incorreções conceituais e suas insuficiências metodológicas. (BATISTA: 2003 pp.28)

Até então, o MEC e o livro didático mantinham uma relação indireta sob o intermédio do FAE – Fundação de Assistência ao Estudante – e a partir de 1996 o Ministério juntamente com o já existente PNLD – Programa Nacional do Livro Didático - passaram a trabalhar juntos na responsabilidade de fiscalização do livro didático, organizando equipes responsáveis pela definição de critérios eficazes para a sua qualificação. Além de responsabilizar-se pela qualificação do livro didático, o programa também tem como objetivo *a aquisição e a distribuição, universal e gratuita, de livros didáticos para alunos das escolas públicas do ensino fundamental brasileiro*. (BATISTA: 2003 pp. 25)

Com o objetivo de fiscalizar e estabelecer qual livro estaria disponível para ser usado nas escolas, o PNLD estabelece em 1996 regras de classificação e de critérios do material, visando alertar e orientar os professores a realizarem uma boa escolha dos livros didáticos. Segundo Batista (2003) a classificação dos livros baseou-se inicialmente em quatro pontos: *excluídos, não-recomendados, recomendados com ressalvas e recomendados*. A partir dessa orientação o professor teria em suas mãos todas as informações necessárias a respeito de como escolher um material de boa qualidade e que atendesse o projeto pedagógico estabelecido na sua escola, atenderia as características de seus alunos e abrangeria seus métodos de ensinar.

Para que os professores tomassem conhecimento do resultado da avaliação dos livros, o MEC criou além da divulgação na imprensa o *Guia do Livro Didático* nos quais *todos os livros que reuniram qualidades suficientes para serem recomendados (com ou sem ressalvas) foram apresentados aos professores*. (BATISTA: 2003 pp.32)

O *Guia do Livro Didático* também deve atender as funções de como *orientar as escolhas, opiniões sobre os fatores que devem ser levados em conta na avaliação de uma obra didática [...]* (BATISTA: 2004 pp.31).

Inicialmente, a criação do *Guia* deveria servir de ajuda para os professores no momento de escolher o livro didático, porém o objetivo foi corrompido. Os dados de uma pesquisa feita por Batista em 2000 apontam resultados surpreendentes em relação à opinião e ao uso do guia por parte dos professores de alguns estados que foram pesquisados.

Embora o PNLD colabore com os professores publicando no *Guia* a classificação dos livros avaliando a qualidade do mesmo, a pesquisa mostra que *os professores tendem a optar por obras que receberam menções mais baixas na avaliação ministerial*. (BATISTA: 2004 pp.33)

Segundo Batista (2004) muitos fatores estão envolvidos nessa escolha um tanto quando estranha por parte dos professores.

Dados apontam que alguns professores (8%) consultam o *Guia* após terem feito a escolha do livro, somente para verificar se o mesmo foi aprovado pelo MEC ou para saber quais são os livros que correspondem às séries em que eles lecionam.

Outros professores alegam que existe uma demora para o *Guia* chegar à escola, dessa forma impedindo que os mesmos o consultem, porém o MEC ressalta que os guias sempre estão disponíveis na escola a tempo de serem utilizados antes do processo de escolha dos livros.

Quanto a demora da entrega do *Guia* aos professores (31,25%) segundo Batista (2004) ainda afirma que diretores e supervisores retêm os mesmos impedindo os professores de ter acesso a ele. Por sua vez em sua defesa os diretores e coordenadores afirmam que:

[...] é limitado o número de Guias recebidos por cada escola e que o clima institucional presente em muitas delas pode ser um dos elementos que levam os docentes a atribuir aos membros da administração e da organização pedagógica uma tendência a buscar o monopólio de informações nas escolas. (BATISTA: 2004 pp.39)

Um outro fator está relacionado à falta de tempo para a escolha dos livros, pois 19% alegam que o prazo existente entre a entrega do *Guia* aos professores e o prazo de escolha do livro didático é muito pequena.

Por meio desses dados, Batista (2004) deixa claro que mesmo que os guias estivessem presentes no momento da escolha dos livros os professores não fizeram uso do mesmo para selecionar os livros que seriam usados na sala de aula.

Segundo Lerner (2004) a justificativa para esse acontecimento está relacionada à forma de escolha que os professores fazem por um material de baixa qualidade:

[...] os professores selecionam o livro buscando nele uma estrutura, um tratamento dos conteúdos e um enfoque das atividades que sejam próximas às suas concepções e práticas habituais. (LERNER: 2004 pp.117)

Diante desse cenário e tomando como ponto de partida a fala de Lerner, observamos que os professores, ao fazerem este tipo de escolha, denunciam em si mesmos, o despreparo de muitos profissionais, pois assim como veremos mais adiante, os professores não buscam orientar-se pelo *Guia* na escolha dos livros e, sim, usam do seu próprio saber para fazer a seleção dos livros didáticos. As pesquisas de Batista (2004) comprovam que os livros pouco recomendados são os mais escolhidos pelos professores, porém ao serem questionados sobre quais os livros de sua preferência, os mesmos reiteram preferir os mais recomendados, ou seja, as preferências dos professores são para aqueles livros que tem a classificação de recomendados no *Guia*.

Segundo Batista (2004):

As declarações dos professores, nas duas questões do questionário sobre as categorias de classificação utilizados no *Guia*, são aparentemente contraditórias, já que, ao mesmo tempo, afirmam tanto que os RD³ são os melhores quanto que o sistema mesmo de qualificação é inadequado ou ineficaz. São também contraditórias, como já se indicou, com as solicitações que o conjunto dos professores encaminharam ao FNDE. (BATISTA: 2004 pp.45)

Os dados da pesquisa de Batista (2004) apontam a contradição como fruto de alguns fatores relacionados ao descrédito dos professores em relação à qualidade da classificação seguida no *Guia* com base em orientações governamentais, ou até mesmo a presença de estratégias publicitárias que não alcançam a lógica pedagógica da escola.

Com base na pesquisa de Batista, observamos que a grande rejeição por parte dos professores está diretamente ligada a *uma forte resistência às ações do MEC na orientação da escolha de livros didáticos* (BATISTA: 2000 pp.51). Constata-se que existe um “apagamento” das orientações provindas do Ministério em relação à escolha do livro por parte do professor. Existe a percepção de que o que está estabelecido no *Guia* como

³ Diz respeito a classificação dos livros classificados no Guia do Livro Didático como *recomendados com distinção*

orientação para o professor fazer uma boa escolha de seu material pedagógico na verdade está fora da realidade escolar, não abrange a necessidade do aluno e nem do professor.

De outra maneira, o autor nos faz pensar que esse conflito entre o que é estabelecido padrão de boa qualidade pelo *Guia* e a inadequação a realidade escolar, pode estar relacionado á rejeição dos professores participantes das pesquisas em relação às políticas educacionais que são as fontes pelo qual estão fundamentados os direcionamentos elencados no *Guia do Livro didático*:

É, portanto, forçoso concluir que o que se realiza de fato na contraposição entre os livros designados de 'qualidade' tout court e os livros adequados à 'realidade da escola' é a oposição eufemizada entre uma lógica 'acadêmica' e uma lógica escolar [...]
(BATISTA: 2004 pp.48)

O grande conflito entre a sociedade acadêmica e a sociedade escolar aliado ao 'saber-fazer' do professor, engrossa os dados do grande desperdício do *Guia* em relação ao suporte na escolha dos livros didáticos e provocam resultados relativamente preocupantes em relação ao caminho que a educação vai trilhando.

Batista (2004) ressalta que os fenômenos de natureza sociológica é um fator de peso que força a rejeição pelas orientações do *Guia*. Assim como historicamente novas teorias que inovaram o ensino da Língua Portuguesa no Brasil, fizeram verdadeira revolução na educação e causaram muitos problemas que até hoje estão presentes no seio escolar, as sugestões do Programa não parecem agradáveis aos professores e não representam confiabilidade no momento de selecionar o livro que irá dar-lhe suporte no decorrer do ano letivo.

O autor aponta que os livros didáticos escolhidos pelos professores passam por uma espécie de processo seletivo, no qual os próprios professores sabem determinar se aquele livro corresponde ou não aos anseios de sua série em específico e que, nesse caso, o *Guia do Livro Didático* perde espaço na importância do ato de seleção e escolha dos livros didáticos.

A partir de Batista (2004), o que observamos sobre o livro didático no contexto da sala de aula é que a seleção do mesmo em relação à qualidade está no centro de uma guerra entre políticas públicas e escola. De um lado, está a escola que desconhece o processo de avaliação realizado pelo MEC, professores que não valorizam as indicações de um material que foi criado para dar suporte a ele na escolha de um material de boa qualidade, e de outro, estão às políticas governamentais que buscam condições melhores para a educação.

Vale ressaltar que não estamos tomando partido de nenhum dos lados aqui apresentados, mas estamos querendo mostrar que se a escola e as políticas públicas trabalhassem juntas em um só objetivo que visasse melhorias na educação certamente os problemas seriam menores.

3. O uso do livro didático de Língua Portuguesa: Histórias narradas por professores

A presente pesquisa contou com a colaboração de três sujeitos-professores todos eles são professores da Escola Estadual de 1º e 2º Graus 14 de Fevereiro, localizada na Av Bom Jesus na cidade de Pontes e Lacerda, Mato Grosso, e todos são formados no curso de Letras. O P1 iniciou sua formação no IESC, que nos dias de hoje é a UNEMAT, na cidade de Cáceres e terminou sua formação na UFMT com graduação em Letras e Direito. Iniciou sua carreira nos anos de 1975 somando até os dias de hoje 28 anos como profissional da educação. O P2 é o que possui grau intermediário de atuação docente, pois no ano de 1993 iniciou sua carreira, também é formado em Letras pela UNEMAT na cidade de Pontes e Lacerda. O P3 iniciou em 1997, é formado em Letras veio do estado do Rio Grande do Sul.

Para analisarmos como se deu o processo de contribuição do livro didático na constituição do saber escolar no decorrer da história foi necessário estudarmos o contexto de todo o processo de criação até o uso do livro na sala de aula e através de depoimentos de três professores (aqui identificados P1, P2, P3) analisarmos como se dá na prática o uso do livro na sala de aula.

Inicialmente nossa proposta de pesquisa era entrevistar os professores seguindo um roteiro elaborado com 15 perguntas que visavam apurar como era feito o uso do livro didático em sala, e logo em seguida assistir suas aulas para comparar a prática com a teoria, porém nosso percurso foi modificado porque o tempo não foi compatível com a data de entrega do trabalho de conclusão do curso. Outra alteração no trajeto da pesquisa foi em relação ao questionário, o mesmo não seguiu a proposta inicial em que todas as perguntas seriam idênticas a todos os professores, pois no decorrer da entrevista foi necessário o aumento ou a reformulação das perguntas para atingir o objetivo do trabalho e conseqüentemente a isso o nosso trabalho tomou novos rumos em relação ao objetivo inicial.

Dessa maneira o que pudemos aproveitar das entrevistas está centrado em três pontos principais: **a extensão do conteúdo do livro; a maneira como o livro aborda o estudo da gramática; a extensão dos textos do livro.**

Partindo da história para a atualidade observamos que o livro didático (Antologias) possuía até fins do século XIX e início do século XX, 600 páginas. Seus textos eram longos e a gramática era estudada a parte em outro manual, embora segundo Soares (2001) *um manual didático de quase 600 páginas fosse considerado "econômico e portátil"*.

Nos anos 30 e 40 e nos anos seguintes, os livros didáticos realmente passaram a ser considerados econômicos e portáteis, pois, passaram a ser divididos por série e a extensão dos textos diminuiu. Ao analisarmos os dados da pesquisa observamos que a extensão do conteúdo do livro didático incomoda a atrapalha o desenvolvimento do aluno, isso segundo a fala de alguns dos entrevistados.

Os professores dizem que o livro didático (refere-se ao objeto analisado) tem muito conteúdo e isso torna difícil para os alunos desenvolverem uma boa aprendizagem.

[...] eu acho ele muito extenso, as questões dele muito extensa [...] (P2).

Eu acho assim, que tem umas perguntas que são muito complexas [...] tem perguntas que são muito complexas é difícil, eu às vezes até reelaboro as perguntas pra eles [...] ele é um livro assim, que tem várias partes de interpretação, tem perguntas muito longas acaba se tornando chato, o tipo de exercício [...] (P3)

A partir desse trecho observamos claramente a rejeição tanto dos professores quanto dos alunos em relação às perguntas ou exercícios formulados no livro. Em consequência a isso dois pontos muito importantes, porém problemáticos são ressaltados: por um lado alunos que não se sentem motivados a raciocinar e tentar interpretar aquilo que se pede nas atividades propostas no livro; por outro lado vemos o professor que reelabora as questões para facilitar a interpretação do aluno em relação ao questionário proposto.

Não estamos insinuando nada contra essa atitude do professor reelaborar as questões, afinal o papel do professor é intermediar entre o aluno e o conhecimento, é responsabilizar-se pela criatividade de seus alunos (PEREIRA: 2000), estamos questionando a partir da função que o professor deve ocupar em sala de aula, até que ponto ele está fazendo o seu papel. Diante desse cenário surgem dois questionamentos: o problema da interpretação que

os alunos encontram está no professor que não está desempenhando o seu papel ou no aluno que padece de instrução escolar, que carece de conhecimento?

Historicamente, mais exatamente nos anos 50, a inversão dos papéis entre o livro didático e o professor, trouxe muitos problemas que estão diretamente ligados a profissionais de péssima qualidade e conseqüentemente a alunos que não sabem ler nem escrever corretamente.

Na fala de um dos entrevistados observamos uma denúncia muito grave em relação a esse fator:

[...] quando eu entrei no Magistério em 80 o livro didático era bíblia [...] a gente usava e fazia o planejamento inteirinho, você copia, pega o livro didático faz umas introduções, aí você copia tudo que está escrito ali e joga no planejamento [...] (P1).

A qualidade do profissional que segue a estratégia exemplificada acima é certamente duvidosa e é mesclada com a inexperiência de muitos que saem da universidade e vão diretamente para a sala de aula.

Segundo o P2 a inexperiência é um dos fatores que contribuem para que o professor torne um “dependente” do livro didático:

[...] quando você não tem um conhecimento solidificado, você é inseguro então você por ser inseguro você tem que apegar a alguma coisa [...] (P2).

Dessa maneira a falta de conhecimento, a falta de segurança com o conteúdo aumenta ainda mais a soberania do livro sobre o controle e direcionamento das aulas.

Certamente isso não trouxe e nem trará bons resultados para o desenvolvimento tanto do profissional, pois o professor não irá se desprender de um material que já vem pronto e sua função será somente reproduzir o que está no livro, além de gerar o seu próprio descontentamento, pois o mesmo não estará acostumado a buscar além do livro soluções para os problemas enfrentados no ensino/aprendizagem de seus alunos.

A extensão do conteúdo do livro e a pouca experiência de alguns professores faz com que a aula seja desagradável e aumente a repugnância dos alunos em relação à aula de Língua Portuguesa e essa rejeição à aula certamente está ligada ao segundo tópico que iremos abordar que é a gramática.

Vimos no contexto histórico da Língua Portuguesa que os jesuítas ensinavam a gramática mantendo os padrões da sociedade da época que se baseava no ensino de Portugal, a gramática era voltada para o ensino das normas cultas da língua portuguesa, centrada basicamente no aprendizado de ler, escrever bem.

Com o advento das reformas dos anos 50 na educação passa-se a ter uma preocupação em relação ao ensino da gramática, pois assim como já foi dito anteriormente o ensino da gramática era voltado para o falar e o escrever bem, e isso não era inadequado, pois a clientela que freqüentava a escola pertencia à classe dominante e a esse grupo social parecia lhes rotineiro o convívio com as regras e normas da língua portuguesa, portanto de agora em diante uma nova clientela, com variantes lingüísticas diferenciadas passam fazer parte do contexto escolar e o ensino da língua portuguesa passa ser ensinado de forma diferenciada. A gramática e o texto passam a trabalhar juntos no contexto do ensino da língua portuguesa, busca-se no texto apoio para a aprendizagem da gramática.

No decorrer dos anos na história da língua portuguesa surgiram muitas teorias de como ensinar gramática na escola, esses acontecimentos foram necessários devido aos fracassos na escola em relação ao ensino da língua, porém o ensino da gramática dita normativa que visava o falar e escrever corretamente ainda persiste até os dias de hoje, mesmo que esteja imbricada a novas teorias.

Segundo Soares (2002) a gramática perde espaço para a leitura, o conceito de leitura passa a ser visto de uma forma diferenciada e a linguagem oral conquista novamente seu espaço no contexto do ensino da língua portuguesa no Brasil.

Nos anos 80 essa nova visão de ensino da língua perde espaço, as mudanças políticas regem os passos do ensino novamente, assim como nos anos anteriores, as reformas dos governantes regem os caminhos de como ensinar ou não a língua portuguesa. Porém, assim como afirma Soares (2002) essas novas teorias trouxeram mudanças muito importantes no cenário do ensino superior brasileiro, que foram muito importantes para a formação e capacitação dos profissionais da educação.

Os estudos lingüísticos ganham força e influenciam cada vez mais a um ensino diferenciado do tradicionalista seguido por muitos professores ao longo dos anos.

Ainda segundo Soares (2002) as ciências lingüísticas contribuem para que a escola enxergue a grande variedade lingüística existente na escola e que muitas vezes por influência do ensino tradicionalista da gramática ela não saiba como ensinar respeitando as variantes lingüísticas de cada falante.

Além disso, reformula a concepção de que somente através da língua escrita pode se estudar a gramática, e também aumenta a visão e função que a gramática tem no ensino da língua portuguesa, deixando de lado conceitos gerados em torno do ensino da gramática resumida em estruturas morfossintáticas.

Pelo que pudemos observar na fala dos nossos entrevistados, o ensino da gramática não é muito bem aceito pelos alunos. Todos os professores foram diretos ao enfatizar que seus alunos não gostam de estudar a gramática do livro que eles usam.

[...] eles não gostam muito da gramática [...] eu tenho a impressão que os alunos eles tem uma dificuldade na hora de compreender aquela estrutura gramatical, porque o ensino vem pecando demais nas questões da estrutura da língua [...] eu percebo hoje que os alunos têm dificuldades da gramática do livro didático não é porque o livro é difícil é porque eles estão além do que deveriam estar eles mal sabem ler e escrever na 8ª série [...] a gramática ainda é aquela coisa repetitiva [...] (P1).

Na fala acima observamos que a rejeição ao aprendizado da gramática é muito grande e o professor direciona o ensino como responsável pela pouca instrução dos alunos. Segundo o professor o livro didático não é responsável por esse agravante e sim que os alunos, aqui representando a oitava série do ensino fundamental, não estão preparados para o ensino que é oferecido para sua série correspondente.

O P2 também é enfático ao assumir que seus alunos não gostam de estudar gramática, garante que seus alunos em relação *à parte gramatical se pudesse eles arrancavam do livro (P2)*.

Em relação ao nosso objeto de estudo, na fala do P2 verificamos uma característica que no ponto de vista do mesmo não ficou muito clara se é aprovado ou não o modo como o livro aborda a gramática.

[...] a forma de trabalhar a gramática, eles tentam trabalhar contextualizado, explicando nos conteúdos gramaticais, à medida que o aluno vai fazendo os exercícios ele vai tentando formar o próprio conceito do que está estudando. (P2)

Observamos uma forma diferenciada de trabalhar a gramática em sala de aula, segundo o professor uma forma interessante de trabalhar a gramática é contextualizando com textos, dessa maneira o aluno aprende e sabe a necessidade de aprender à gramática.

Mas uma parte de sua fala nos chamou a atenção sobre o ensino da gramática, sobre o possível conceito de se ensinar gramática na visão desse professor.

Segundo o P2:

[...] eu acho que hoje, dizer que a gente não vai ensinar gramática na escola é totalmente “furado”, a gente vai trabalhar só que hoje os livros trazem mais contextualizado, eu acho que isso é mais importante, porque o aluno vê o porque de se estudar aquilo [...] (P2).

Esse “*dizer que a gente não vai ensinar gramática na escola é totalmente furado*” e “*só que hoje os livros trazem mais contextualizado*”, remete a idéia que ensinar gramática é não se desprender do ensino das normas e regras do português dito como padrão, ensinado no período ainda colonial do Brasil, entende-se que os métodos antigos de ensinar gramática ainda estão presentes nos livros didáticos de hoje, porém de uma forma “contextualizada” como afirma o entrevistado.

O último ponto que observamos na pesquisa de campo é em relação a extensão dos textos existentes no livro didático.

Pelo que pudemos observar na análise dos dados coletados, os textos do livro didático em questão são bem aceitos em 90 %, tanto por professores quanto por alunos, pois segundo eles, os temas abordados nos textos geram debates e são atuais, ponto muito importante na opinião dos professores.

[...] os textos porque o livro didático hoje trabalha com grandes capítulos, um capítulo com várias unidades [...] então você vai ligando um texto no outro, mas mostrando que eles estão em pontos diferentes, mas que no fundo aborda aquele assunto [...] Eles gostam dos textos, eles gostam das discussões, eles gostam de ler. (P1)

[...] quando você vai chegar em um determinado texto, eles diz “ aí professor eu já li”, então quer dizer que se ele já leu porque ele curiosidade de ta buscando, ta procurando [...] (P2)

Segundo o P1, a contextualização existente entre os textos faz com que os alunos desenvolvam a habilidade de raciocínio sobre a temática discutida em sala de aula, dessa maneira não bitola o aluno em um texto somente e, além disso, desperta-lhes a busca de novos conhecimentos.

Os de hoje, óbvio [...] hoje o melhor de trabalhar não é nem pelo fato de não se ter preconceitos é porque a forma de abordar a interpretação dos textos é muito moderna, ela não pede respostas prontas ela pede pro aluno criar, emitir sua opinião, então o livro de hoje ele tem essa facilidade de trabalhar, exige mais do professor [...] (P1).

Além disso, a contextualização dos textos no livro didático abre espaço para o professor buscar em novos materiais pedagógicos como recortes de revistas, jornais, e isso impede que o livro torne um material puramente centralizado e essencial nas aulas de língua portuguesa.

Porém um de nossos entrevistados não concorda que textos longos ajudam no processo de aprendizagem dos alunos, alega ser exaustivo e serve como pretexto para os alunos se distraírem.

Eu acho assim quanto ao texto nesse livro atual ele tem textos muito longos, o que eu acho assim que cansa muito o aluno dificulta até a compreensão porque ele está lendo e quando ele chega lá no final muitas vezes ele nem lembra direito o que leu no início [...] (P3).

De certa forma se formos pensar que textos longos servem como distração na compreensão do mesmo, pode-se considerar uma parcialidade de verdade, isso levando em consideração que o professor não conduza o aluno a raciocinar sobre a temática e trabalha o texto por trabalhar sem algum objetivo. Porém se a leitura for conduzida de outra maneira como exemplifica os demais professores, trazendo textos extras que ajudem na compreensão a atuação do professor e do aluno na oralidade, o resultado será positivo segundo a fala dos entrevistados.

[...] ele precisa entender o texto, ler, compreender, então tem uma parte oral que a gente discute, eu acho importante porque os alunos às vezes não conseguem colocar seu pensamento, mas conseguem falar oralmente [...] (P2).

O trabalho do professor no ensino da língua portuguesa segundo a fala do P2 está fundamentalmente ligado a um conjunto de atividades tanto orais quando escritas na qual irá desenvolver no aluno o conhecimento sobre o funcionamento da língua.

O professor que está habituado ao convívio com a leitura e textos certamente terá como “cartas na manga” várias idéias interessantes de como usar os textos longos dos livros didáticos nas suas aulas sem ela tornar-se cansativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história de constituição do livro didático na educação brasileira passou por inúmeras transformações, e conforme o estudo desenvolvido nesse trabalho observamos que essas transformações foram impactantes no processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

De modo geral observamos em nossa pesquisa tanto histórica quando prática que o livro didático já tem historicamente estabelecido e determinado seu papel em sala de aula e a efetivação desse papel só será possível se o professor e o aluno o usar corretamente.

A distorção nos papéis empenhados pelo livro didático e pelo professor trouxe ao longo da história inúmeros problemas que mesclados a outros fatores apontados nesse trabalho refletem até os dias de hoje nas escolas brasileiras, e particularmente na cidade de Pontes e Lacerda a desmotivação por parte de alunos e professores no ensino/aprendizagem da gramática e leitura de textos, por exemplo.

Pensar o uso do livro didático de Língua Portuguesa na sala de aula é pensar se quem usa o usa com responsabilidade e se preocupa com as conseqüências de suas escolhas.

Em nosso trabalho observamos de forma bastante clara dois pontos distintos que fazem a grande diferença quando se fala em alcançar resultados positivos no ensino dos alunos: o uso centralizado ou não do livro didático em sala de aula.

Se o professor optar por usar o livro como um auxílio nas suas aulas, como um material de consulta simplesmente, manifestará a atitude de um profissional preparado e responsável pelo desempenho de seus alunos. De outra maneira o uso do livro didático como material principal do professor nas aulas denunciará o despreparo de nossos profissionais docentes.

Segundo os dados coletados para este trabalho, a principal fonte para o conhecimento e amadurecimento intelectual tanto de professores quanto de alunos, e ousar em dizer a solução para a educação em nosso país é a leitura.

Com a leitura o professor terá embasamento e independência de qualquer material que possa trazer descontentamento nas aulas de português, e por sua vez o aluno aprenderá que o conhecimento não se resume ao conteúdo do livro didático, que aula de português é algo além de aprender normas e regras gramaticais.

BIBLIOGRAFIA

1. BATISTA, A. G e ROJO, R. *Livros escolares no Brasil: a produção científica*. In: M. G. C. VAL e B. MARCUSCHI (orgs). *Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005. Pp. 13-45.
2. SOARES, M. *Português na escola: história de uma disciplina curricular*. In: BAGNO, M. (org). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola. 2002. Pp. 155-177.
3. BATISTA, Antônio A. G. *A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático*. In: ROJO, Roxane e BATISTA, Antônio A. G. (org). *Livro didático de Língua Portuguesa, letramento e cultura*. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2003. Pp. 25-63
4. ASSIS e SILVA, L.V.C de. **Um breve olhar no contexto da disciplina língua portuguesa** In: Minicurso *Livro didático: cenário brasileiro mato-grossense* Pontes e Lacerda. EEL/2007.
5. CLARE, N. A.V. **50 anos de ensino de Língua Portuguesa (1950-2000)**. In: <http://www.filologia.org.br/vicnlf/anais/caderno06-05.html>. Acesso em 02/04/2008
6. BAKHTIN, M. /VOLOCHINOV, V. N. (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2002. 10ª edição.

7. GERALDI, J.W. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

8. _____. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

9. DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZZERA, Maria auxiliadora *O livro didático de português: múltiplos olhares*. 2ª ed. Lucerna, Rio de Janeiro, 2003.

10. SOARES, Magda. *Que professor de português queremos formar?* - Boletim da Abralic, nº25, 2005.

11. LERNER, Délia. *O livro didático e a transformação do ensino da língua*. In. BATISTA, Antônio A.Gomes e COSTA VAL, Maria da Graça (org) *Livros didáticos de alfabetização e de Português: professores e suas escolhas*. Autentica, Belo Horizonte , 2004

12. PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *O professor de língua Portuguesa: modos de ensinar e de aprender*. In. AZAREDO, José Carlos de. (org) *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Vozes, Petrópolis, 2000.

15. Como avalia as atividades propostas? O livro didático contribui para a formação do aluno?

Transcrição da entrevista P1

Aluno: Seu nome completo e sua data de nascimento.

P1: Maria Lucia Marques Santana e nasci em 30/01/1956.

Aluno: E qual sua formação acadêmica?

P1: De Letras.

Aluno: E quando começou a lecionar?

P1: Comecei lecionar em 97.

Aluno: Como que foi assim seu processo de formação, no início quando você começou dar aula?

P1: No início foi meio complicado por que eu vim de outro estado e cheguei aqui estranhei muito toda cultura, a maneira das pessoas falarem, se comportarem, então foi tudo um processo novo pra mim e na escola também era completamente diferente, então eu tive que me adaptar e aí foi, foi difícil.

Aluno: Demorou muito tempo pra você se adaptar?

P1: Não, não foi difícil por que como agente convive com aluno todo dia e eu tinha aula no período da manhã e da noite então não foi difícil não.

Aluno: Quanto tempo vice tem de experiência com a Língua Portuguesa?

P1: Onze anos.

Aluno: Fala um pouco pra gente sobre isso.

P1: Como eu falei anteriormente houve um processo de adaptação. Tanto que em sala de aula tinha alunos que queriam que eu...quando falava o pronome pessoal relacionada a outra pessoa eu falava "tu" e certos alunos queriam que eu falasse "você" como a região falava e isso foi insistente por muitos meses até eu conseguir conquistar esses alunos e colocar na cabeça deles que existe uma diferença na cultural e de linguagem no Brasil conforme a região existe essa diferença.

Aluno: E você usa o livro didático nas suas aulas?

P1: Isso. Uso o livro didático, uso outros livros, uso outros textos, outros recursos.

Aluno: E quanto tempo você faz uso do livro didático?

P1: Em cada aula?

Aluno: É. Desde quando você começou a usar? Quanto tempo?

P1: Ah! Isso, todos os anos eu uso o livro didático desde 97, até como uma orientação mas não necessariamente agente tem que usar somente o livro didático na sala de aula.

Aluno: Como você usa ele em sala de aula? Como é que é o seu processo de trabalho com o livro didático?

P1: Bem eu tiro... nós fazemos leitura dos textos, trabalhamos a interpretação de textos e a questão por exemplo gramática eu procuro tirar de outros livros pra complementar por que não podemos ficar só naquele livro didático e nem sempre também eu uso o livro didático em sala de aula.

Aluno: Qual livro você usa atualmente?

P1: O livro usado em sala de aula esse ano é o Português de Leila Lauer Sarmento, 8ª série.

Aluno: E você gosta de trabalhar com ele?

P1: Eu acho assim que tem umas perguntas que são muito complexas e eu também trabalho com o 1º ano do Ensino Médio e o livro é Português, Linguagem de Willian Cereja e Tereza Coxar Magalhães, também é um livro bom, tem literatura, a gramática inserida nos textos, é um livro muito bom, bom de pesquisar, dos alunos entender, eu acho que é um livro bem acessível.

Aluno: E seus alunos gostam?

P1: Gostam, desse do 1º ano os alunos nunca reclamaram, agora o da 8ª série tem perguntas que são muito complexas é difícil, eu as vezes até reelaboro as perguntas pra eles.

Aluno: Há alguém, é unânime essa rejeição, vamos dizer assim?

P1: Não, normalmente os que têm mais dificuldades encontram dificuldades de fazer a interpretação.

Aluno: Mas é na parte da interpretação que você consegue visualizar isso?

P1: Exatamente. É nesse momento que eu consigo verificar.

Aluno: E o conteúdo que você considera mais importante?

P1: Eu acho assim que sem a leitura e a produção de texto o aluno vai encontrar muitas dificuldades futuras então, porque ele tem que ler, ele tem que ter essa leitura e ele tem que saber fazer a interpretação e a compreensão do texto, que é baseado nisso, é que ele vai

desenvolver melhor a idéia, o vocabulário etc, pra ele encontrar mais facilidade pra se expressar tanto na parte oral quanto na escrita.

Aluno: E desde o início da sua carreira você sempre usou o livro didático ou teve algum período que você usou outros materiais?

P1: Houve no primeiro momento logo que eu cheguei aqui em Lacerda eu usava apostila, assim buscava mais em apostilas, não era assim o livro didático da escola, depois com o tempo foi quando foi implantado mesmo o livro, eu passei a usa-lo também.

Aluno: Os resultados que você vê do uso de outro material em relação ao livro didático? Qual é o resultado que você consegue disso?

P1: É por que é assim, o livro didático é um livro que os alunos sempre tem, e um outro material então algo novo pra eles, se nós deixarmos só com o livro didático ele vai se bitolar, por que ele vai passar a conhecer só o livro, vai ficar só naquilo e tendo outros materiais didáticos a gente consegue diversificar o verificar as dificuldades que lê encontra, que o aluno encontra.

Aluno: E você acha que do início da sua carreira houve muita mudança, como foram essas mudanças?

P1: Eu acho que sim. Teve um ano, o ano....eu acho que uns 4 anos atrás, nos tínhamos um livro que até os alunos do Ensino Médio encontrava dificuldades de interpretar perguntas que tinham no texto de 8ª e 7ª série pra se ter uma idéia, inclusive alguns profissionais que teve muitas dificuldades, eu mesma já encontrei dificuldades, eu lembro através desse livro que o livro didático que não era de professor, se pegasse a pergunta agente tinha que pensar e repensar pra poder fazer a resposta.

Aluno: Em relação à mudança na estrutura do livro, a ideologia do livro, a questão da lingüística, essas mudanças como foram?

P1: Eu acho assim quanto ao texto nesse livro atual ele tem textos muito longos, o que eu acho assim que cansa muito o aluno dificulta ate a compreensão por que ele esta lendo e quando ele chega lá no final muitas vezes ele nem lembra direito o que leu no início mas a questão de exercícios, da lingüística eu acho que é um livro bem mais acessível, interpretação de texto também é bem mais acessível do que o anterior.

Aluno: E com quais livros você prefere trabalhar, o que você começou usar no início da sua carreira ou os atuais?

P1: Bom no início da carreira eu gostei até porque trabalhei também em escola particular eu gostava muito dos livros que foram implantados na escola Adventista, eu lembro, tinha apostila que era da FUNGASP por que também era bem bom, bem compreensível, bem fácil bem pra alguns alunos também e foi o que eu te falei eu acho que certos livros estendem muito o texto e se torna cansativo e não é interessante para o aluno, não chama a atenção.

Aluno: Como é que você usava o livro no início, você segue a mesma regra?

P1: Não, não é, vendo pelo lado da sequência do livro por exemplo, tem muitos conteúdos que eu não acho necessário até porque se eu por buscar em outra fonte...porque tem outros livros por exemplo que a maneira de pedir o exercício ele é muito mais atrativo do que esse atual, esse atual tem alunos que acha às vezes até chato por que sempre os mesmos exercícios, não têm muita opção,então ele se torna cansativo, então não é agradável pra eles.

Aluno: Como você avalia as atividades propostas no livro, você acha que elas contribuem pra formação do aluno?

P1: Então, foi o que eu estava te falando antes, ele é um livro assim que tem várias partes de interpretação, tem perguntas assim muito longas acaba-se tornando chato, o tipo de exercício, tem outra parte que são bem acessíveis bem agradável e eles rapidinho fazem, então conseguem compreender e fazem.Tem outros tipos de perguntas conforme o aluno eles lêem umas cinco vezes a mesma pergunta aí eu explico de uma outra maneira aí ele tenta fazer, não entende vai e volta então as vezes eu vejo que o problema esta no aluno e quando eu vejo que estão vários alunos fazendo o mesmo tipo de pergunta eu constato que o problema esta no tipo de exercício.

Aluno: E quanto a formação do leitor, você acha que o livro didático incentiva, influencia para a formação do aluno como leitor?

P1: Não, não acho.Eu acho que a influência da leitura está na maneira que o professor direciona isso. Eu acho que é a gente, é incentivando a leitura, porque se for pelo livro não incentiva.Tem alunos que não gostam, chegam até esquecer o livro, não gostam de usar o livro.

Transcrição da entrevista P2

Aluno: Primeiramente seu nome.

P2: Elvira Maria Rocha Silva.

Aluno: Data de nascimento?

P2: 21/05/1970.

Aluno: Fale sobre sua formação acadêmica, fale um pouco sobre ela eu quando começou a lecionar.

P2: Eu sou formada em Letras (UNEMAT - Pontes e Lacerda) com Pós-Graduação em Educação Inclusiva e eu comecei a lecionar em 1993.

Aluno: Quanto tempo de experiência com a disciplina? Fale um pouco sobre o uso do livro didático em suas aulas.

P2: Se não me falha a memória são 14 anos, desde 93, eu trabalho um tempo com Português e um tempo com o Inglês, mas eu acho que nesse tempo todo venho trabalhando com a

língua portuguesa. O livro didático eu acho assim que hoje é muito complicado até a gente trabalhar a questão que os alunos... eu não sei se é uma realidade mas eles....é o material mais acessível pelo menos na escola estadual, na escola pública, pra algumas crianças é o único material que eles tem pra ler, que é o que eles adquirem, eu assim não vou dizer que eu sigo ele como uma bíblia, a gente procura trazer material diverso, outros textos, mas a gente usa ele com frequência na escola, na sala de aula, que ainda mais é o único material que o aluno tem.

Aluno: E você usa o livro didático nas suas aulas? Quanto tempo você faz uso dele, e como é o processo na sala de aula desde quando você começou a lecionar?

P2: Olha, eu acho que desde todo tempo que eu dou aula sempre teve o livro didático, algumas vezes que não tem a gente improvisa, faz outros materiais, se tem o livro pelo menos pra leitura, pra interpretação de texto nós usamos aquele livro, trabalhamos outras atividades como complementares, mas usamos o livro.

Aluno: E qual livro você usa atualmente?

P2: Português, leitura produção e gramática.

Aluno: E você gosta de trabalhar com ele?

P2: Gostar...gostar....eu acho assim, que todo livro nenhum vai trazer tudo completo, eu acho assim, que você tem algumas coisas que por exemplo, eu não sigo página a página, algumas questões que você vê que não dá pra aplicar, tira ela, coloca outra, fazendo um trabalho oralmente, mas ele não...não diria que ele seja um dos livros piores, eu acho ele muito extenso, as questões dele muito extensa, a forma de trabalhar a gramática, eles tentam trabalhar contextualizado, explicando nos conteúdos gramaticais, a medida que o aluno vai fazendo os exercícios ele vai tentando formar o próprio conceito do que ele ta estudando.

Aluno: E os seus alunos gostam da aula, gostam de usar, de manusear, eles tem curiosidade de saber mais do próprio livro?

P2: Olha eu não diria todos, mas eu acho que tem alguns alunos que sim, que gostam, tanto que a gente ta em determinadas questões, quando você vai chegar em um determinado texto, eles diz ai professor eu já li, então quer dizer que se ele já leu porque ele teve curiosidade de ta buscando, ta procurando, não é todos, tem aquele aluno de se possível ele deixa em casa, mas não é a questão de ser o livro didático, é questão de ser livro..., eu assim que nem toda criança realmente gosta de estar lendo, olhando livro, mas tem aqueles que tem curiosidade.

Aluno: Qual é o assunto que você observa que demonstra interesse por parte dos alunos?

P2: Eu acho que são as histórias dos textos em si, a parte gramatical se pudesse eles arrancavam do livro.

Aluno: E qual o conteúdo no livro que você considera mais importante, ou não tem, como que é?

P2: Olha , eu acho assim, que o livro é um livro assim...um misto de coisas importantes, por exemplo, o aluno ele precisa...é...assim...o texto...ele precisa entender o texto, ler , compreender, então tem uma parte oral que a gente discute, eu acho importante por que os alunos às vezes não conseguem colocar o seu pensamento, mas conseguem falar oralmente, então eu acho assim que essa interpretação do texto, de estar ligando, procurando ligar a realidade dele com aquele tema que o texto trata, eu acho que é uma parte importante no texto que esse livro também vai ter essa parte, não vou dizer que ele consiga totalmente mas ele tem aquela parte ele relembra o texto e aquilo seria interagindo com o texto você tentando...e a parte também que você estuda a estrutura, então eu acho que tudo tem um pouquinho de importância.

Aluno: E além do livro , você sempre usou, ou usava no início de sua carreira e usa hoje mais outros materiais?Quais são esses materiais que você usa?

P2: Olha a gente usa o dicionário,às vezes surgem palavras desconhecidas que a gente tem que tá pesquisando, nós usamos xerox, claro que não com aquela frequência, porque eles mesmos não contribuem financeiramente pra adquirir , mas xerox, livrinhos a gente lê, às vezes um pouco, para produção de textos, às vezes a gente traz uma proposta que não está no livro pra que eles produzam.

Aluno: E você considera que houve mudanças desde o início que você começou a lecionar até os dias de hoje no livro didático? Mudanças na estrutura gramatical,o ensino em si direcionado?

P2: Quando eu comecei eu acho que os livros eram mais separadinhos, o texto que era basicamente você reescrever o texto, eu ainda brinco com os alunos que é esquartejar o texto, e a parte gramatical totalmente separada, hoje alguns livros , não vou dizer que sejam todos, por exemplo, esse que eu tenho aqui na frente não, mas o que nós trabalhamos, ele tem, mostra, tenta mostrar lá uma determinada parte qual que é a estrutura do texto, como?porque? que está escrito daquela forma, então eu acho que houve mudanças grandes, eu acho que na hora da escolha qual o livro que traz os assuntos modernos, porque agente tem livros aí que ainda tem os mesmos textos de quando estudei na 5ª série, se você for pegar ainda tem livros ainda que traz os mesmos textos, quer dizer não teve, os autores não tiveram o cuidado nem se quer de estar buscando temas atuais, já tem livros que se você, vê....esse livro que nós trabalhamos quando agente vê coisas que foi de 2000, não é totalmente aquilo que aconteceu o ano passado, mas é uma realidade bem mais próxima.

Aluno: E com quais livros que você prefere trabalhar, os que eram do início da sua carreira ou os da sua carreira, que você considera melhor?

P2: Olha , em relação ao textual eu acho os atuais, por que trazem o assunto da atualidade, e até mesmo gramaticais, por que eu acho que hoje, dizer que a gente não vai ensinar gramática na escola é totalmente "furado", agente vai trabalhar, só que hoje os livros trazem mais contextualizado, eu acho que isso é mais importante, porque o aluno vê o porque de se estudar aquilo,estudar todo ano textos contextualizados, a gente acaba trabalhando ruim, porque nós temos um dia inteiro de aula, aí nenhum aluno gosta de ler, ao mesmo tempo que dá pra explorar bastante cansa também bastante.

Aluno: E a maneira como você trabalhou no início da sua carreira é basicamente a mesma ou sofreu alterações, e quais foram essas alterações, se sofreu?

P2: Eu acho que sofreu. Eu acho que antes eu era bem mais presa ao livro, quando você não tem um conhecimento solidificado, você é inseguro então você por ser inseguro você tem que apegar a alguma coisa, no meu caso eu tinha que até anotar nos livros, outros exemplos que eu pesquisava em outros livros. Hoje eu tenho, eu já tenho mais segurança, você pode até deixar o livro de lado e estar trabalhando com outro material que você tem mais segurança para trabalhar. Eu acho até questão que você pode perceber, você já antevê qual as dificuldades que o aluno vai ter, a turma sua, aquela turma, você vai falar dessa forma ou dessa forma, qual forma que eles vão pegar melhor, as vezes agente se engana, pensa de uma forma e eles vão na outra, mas pelo menos você tem essa condição de estar buscando e antes não, eu acho assim, que já por agente não ter esse conhecimento, essa experiência, ficava bem mais preso ao livro, a só repetir o que tava escrito ali, pra fugir dele é difícil, agora quando você já tem mais segurança você pode trabalhar de outra forma.

Aluno: E como você avalia as atividades propostas. O livro didático contribui pra formação do aluno? Como você avalia as atividades sugeridas de leitura, de produção e análise lingüística nos livros didáticos?

P2 Eu acho que o livro é um dos instrumentos, eu acho que ele sozinho não vai contribuir, claro que hoje nesse mundo totalmente informatizado, com as notícias tão rápidas só ele não vão formar o aluno, se você pega esse livro e dizer "meu aluno vai ser *expert*" não vai, você tem que trazer vários outros assuntos, você tem que estar trabalhando, mas ele seria um dos instrumentos que ajudaria pelo menos pra formar cidadãos leitores, não quer dizer que ele vai formar mas ele é uma das contribuições igual eu disse, às vezes você chega na sala, hoje nós temos livros que podem ler, mas as vezes eles já leram todos aqueles livrinhos, ou não se interessam, ou a dificuldade de estar pegando esses livros pra estarem levando pra casa e estar trazendo, se você pedir um material pra comprar nem todos tem condições de comprar então, ele pra mim usar e trabalhar o ano inteiro não é uma obra completa mas tem fragmentos, pelo menos vai iniciar e aí você vai completando com outro material.

Eu acho assim que eles são temas gostosos de trabalhar, que leva os alunos a estar pensando através por exemplo da metodologia, dessa coisa em problemas sociais. Agora em relação a análise lingüística eu acho que ainda eles ficam... eles pecam, e a produção de texto não, esse livro traz assim no final de cada unidade uma proposta, um texto produzido, é claro que se for avaliar que hora ele está redigindo uma resposta ele também está produzindo um texto, eu acho que e dessa forma ele traz naquela proposta mesmo, são bem fragmentadas, ele está completando com outras propostas.

Aluno: E geralmente quando você complementa com essas propostas você consegue um resultado positivo?

P2: Eu às vezes acho que quando eu vejo que a proposta não está de acordo com aquilo que eu... com as habilidades que eu gostaria que ele tivesse desenvolvendo naquele momento eu trago outra proposta, eu acho assim, não porque está escrito ali que eu sou obrigada a seguir, se eu vejo que neste momento não é interessante esta proposta, ou até porque já fez em algum momento, agente deixa ele e trabalha com outra. É melhor as vezes trabalhar um assunto que seja mais do interesse dele naquele momento, uma coisa que talvez mais... que ele tenha suporte pra estar escrevendo do que seguindo um livro assim naquela proposta.

Transcrição da entrevista P3

Aluno: Seu nome completo e sua data de nascimento.

P3: Janete Garcia de Oliveira Valdez, nascida em 26/02/1961.

Aluno: E a sua formação acadêmica, como foi todo o processo, onde você estudou, a sua trajetória acadêmica?

P3: Ao terminar o Ensino Fundamental, no antigo Ginásio (eu sou dessa época ainda) então eu tinha que optar por um segundo grau profissionalizante, porque na época precisava trabalhar logo não dava pra fazer o antigo científico e depois fazer um curso, então eu optei por dois cursos de nível médio, optei pela antiga Escola Normal que é o magistério e optei pelo Técnico em Contabilidade, então eu fiquei três anos fazendo dois cursos durante o dia, eu tinha 12 a 13 aulas por dia, sendo parte no período da manhã e o da contabilidade à noite, mas logo de cara eu percebi que tinha dom para ensinar, lidar com crianças, adolescentes, com adultos, de falar, sempre gostei muito de falar, então eu peguei o gosto pelo magistério logo no segundo grau, tanto que eu terminei o magistério em 1975 em Dezembro de 1975 e em Março de 80 eu já era professora efetiva da rede estadual, passei em 4º lugar no concurso pra professor de nível de 1ª a 4ª na época, aí entrei pra faculdade de Letras porque também não tinha muita opção em Cáceres que era o antigo IESC, que hoje é a UNEMAT, eu sou filha da segunda turma de Letras da antiga UNEMAT, aí tinha lá, Matemática, Ciências, aí eu disse não, gosto da Literatura, das letras, de conversar, aí entrei pra faculdade de Letras, fiquei dois anos na UNEMAT, em Cáceres antigo IESC, vi que era muito fraco porque eu queria ir pra um lugar maior e me transferi pra UFMT no curso de Letras, lá tive que retardar o curso por um ano porque o nível era muito mais alto do que eu tinha, não bateu de jeito nenhum, eu tive que trancar Inglês, todo mundo falava inglês e eu não sabia nada, aí em 84 eu terminei então o curso de Letras, Licenciatura Plena, eu consegui fazer minha elevação de nível porque até então eu era professora de Ensino Médio, aí fiz minha elevação de nível, depois fiz minha Pós-Graduação na área de Ensino e Currículo das Séries Iniciais, e fiz cursos de Produção de Texto, fiz cursos de Filosofia, de Linguagem, assim e sempre dentro da área do conhecimento de Letras, da formação na educação, sempre me aprimorando sempre, e estou aí há 28 anos, vou fazer agora dia 13 de Março 28 anos de Magistério.

Aluno: E quanto tempo você tem de experiência com a Língua Portuguesa?

P3: No começo agente trabalhava com as séries iniciais que o professor é professor de tudo, matemática e tal, mas eu sempre percebia que eu tinha um dom, que se eu não tomasse cuidado ficaria ensinando muito Língua Portuguesa pra meninada quando eu tinha que ensinar Matemática, História, Geografia e tal, e quando foi... aí eu trabalhei na década de 80, e quando foi no começo de 90, em 90 mesmo eu já fui enquadrada como professora de Língua Portuguesa, então eu tenho aí quase 20 anos mesmo de Língua Portuguesa, fiquei algum tempo fora da sala de aula na coordenação, trabalhando com projetos, advogando na DREC, que também tenho essa profissão, e mas sempre voltada pelos cursos da área, ensinando professores, trabalhando com os da zona rural, professor municipal, sempre, sempre, sempre mexendo com essa área de ensino da Língua Portuguesa.

Aluno: E o livro didático, você sempre usou? Como é o uso dele na sala de aula?

P3: Sempre usei nos seguintes moldes, quando eu entrei pro Magistério em 80 o livro didático era “bíblia”, a gente na época, as crianças já ganhavam até a 4ª série só, de 5ª série em diante era comprado, não tinha o PNLD, ele é praticamente novo, dessa ultima década talvez década de 90, então a gente usava e fazia o planejamento inteirinho, você copia, pega o livro didático faz umas introduções , ai você copia tudo que está escrito ali e coloca no planejamento, você trabalha em cima daquilo, mas com o passar do tempo a gente vai aprendendo e a escola foi modernizando e nós vimos que o livro didático na época deixava muito a desejar, era um livro preconceituoso, era um livro tendencioso, tratava, trazia questões de discriminação étnica, de empregos, de profissões e tal e com o tempo então a gente, o mundo foi evoluindo, você vê a globalização, então o livro didático hoje ele é um detalhe na nossa vida importante mas não deixa de ser assim só um item de todo planejamento e um trabalho que você faz em sala de aula.

Aluno: E você gostou de usar o último livro que você usou na sala de aula?

P3: Gostei,esse livro que nós trabalhamos agora nos últimos três anos que é da Sarmento que da mesma forma que ele era atual há três anos atrás a impressão que a gente tem é que esse ano também ele é atual, porque ele traz questões, aborda questões da Literatura, questões modernas como adolescente, adolescência ,problema de menor abandonado que são questões sociais que estão aí colocada pro povo ai, então eu gostei muito desse livro, embora ela tenha escolhido ele como uso pontual, a gente pontua algumas coisas do livro e usa eu pulo muitas coisas mas agente vê que o que é fundamental esta dentro do programa.

Aluno: E seus alunos gostam,gostaram?

P3: Eles gostam dos textos, eles gostam das discussões, eles gostam de ler, eles não gostam muito da gramática.

Aluno: E como você percebeu, como você evidenciou isso?

P3: Eu percebo que o nível de conhecimento dos alunos caiu de mais da conta, então o livro didático que esta posto aqui no estado de Mato Grosso é o mesmo que está posto lá no Rio de Janeiro é nacional , então ele não trabalha muito com a nossa realidade, mas como hoje tudo é muito globalizado então não vamos dizer que ele esteja fora da realidade, não ele esta dentro da realidade, mas eu tenho a impressão que os alunos eles tem uma dificuldade na hora de compreender aquela estrutura gramatical porque o ensino vem pecando demais nas questões gramaticais, na questão da estrutura da língua, quando eu comecei lecionar a gente ensinava gramática, eu lembro na década de 80 82 não sei a gente falava assim “O adjetivo é a palavra que qualifica o substantivo” e os alunos sabiam o que era o substantivo,sabia o que era um adjetivo, depois veio um modismo na educação que a gente não podia mais falar, a gente então tinha que abolir essa questão e falava assim “Dê qualidades aos nomes” porque não era pra você ficar falando nomenclatura, pra que, o aluno tinha que aprender a essência , depois o que aconteceu, voltou a historia os alunos iam pro vestibular e não sabiam o que era um substantivo, um artigo,não sabiam o que eram as classes gramaticais, sintaxe então era só um nome bem difícil de escrever e falar e eu percebo hoje que os alunos tem dificuldades da gramática do livro didático não é porque o livro é difícil é porque eles estão a quem do que deveriam estar, eles mal sabem ler e escrever na 8ª serie,então fica difícil né.

Aluno: qual o conteúdo que você considera mais importante no livro didático?

P3: Os textos. Os textos porque o livro didático hoje trabalha com grandes capítulos , um capítulo com várias unidades , por exemplo esse livro agora, trabalhamos sobre Convivência e Liberdade , então ele trouxe vários pontos, vários textos que falam sobre as relações humanas , por exemplo a Divina Comédia que já é um outro tipo de relação , que é fantasiosa , mostrou sobre clonagem se isso é ético ou não, estava dentro daquele contexto todo , então as crianças, elas vão se encantando , e o professor que articula bem o conteúdo ela fala “ Vocês viram isso?” , então você vai ligando um texto no outro mas mostrando que eles estão em pontos diferentes mas que no fundo aborda aquele assunto, por exemplo de quando existe liberdade nas relações humanas , então eu acho que os textos realmente tem.....ah e outra coisa também, a forma que os livros vinham abordando, vem tratando isso “Fale o que você pensa sobre isso ” dá muita liberdade pro aluno de expor aquilo com suas próprias palavras , navega bem essa área assim, não é igual antigamente que falava assim, até citei esse exemplo da outra vez “Joãozinho é um bom menino.” “Joãozinho estuda na escola 14 de Fevereiro” aí você fala assim “ “Interprete o texto: quem é Joãozinho? como ele é? onde ele estuda? “quer dizer era uma interpretação do óbvio interpretar hoje não é isso, é você ir além daquilo, é você ver os símbolos, é você ver a estrutura , é você ver o que está escrito além das palavras, é você entender o contexto, é você ver as inferências , então eu acho que os textos do livro didático não da pra ficar sem o livro didático, porque se não você vai ter que trabalhar com apostilado, fotocópia, a molecada perde tudo, então eu levo muitos textos extras , mas colo tudo no caderno, tudo colado se não perde tudo vira uma balburdia, então a gente tem esse ato de usar textos mesmo pra melhorar a qualidade da aula.

Aluno: Você usa algum outro material didático pra complementar sua aula? Que tipo de material você usa?

P3: Eu tive a graça e o privilégio de participar de uma capacitação, formação continuada do Projeto Eterno Aprendiz onde eu aprendi muito , já com vinte seis anos de magistério eu falei “ Nossa que bom que está acontecendo isso no mundo das Letras, então eu aprendi muito com esse material, eu trabalho muito, eu trabalho muito com a revista Nova Escola que eu esqueci de te falar que no começo eu trabalhei muito texto, com textos de jornal por exemplo você vai trabalhar um gênero textual , trabalhando a publicidade, textos jornalísticos ou científicos mesmo que tem dentro do jornal a gente recorta, revista Veja eu levei pra fazer análise de propagandas, então além do livro didático acaba sendo dentro da carga horária, ele fica num canto no meio de tantos outros, eu utilizo muito esse material extra , e o acontecimento por exemplo não é todo dia que as pessoas derrubam as torres gêmeas nos Estados Unidos, não da pra você fugir , não é todo dia por exemplo que uma criança é arrastada 8 quilômetros igual aconteceu com aquele menino, então a gente tem que parar o conteúdo e discutir “ A mãe tava com a criança e os ladrões arrastaram por oito quilômetros”, oito quadras, oito quadras não me lembro agora, então aquele momento é um momento que tem que ser aproveitado aí você leva revista que trouxe esse assunto, a pessoa fala sobre o que viu na tv, então é uma coisa que você aproveita na hora da aula, pra melhorar e pra aproveitar o assunto do momento.

Aluno: E você considera que houve mudanças no livro didático desde o início de sua carreira até os dias de hoje?

P3: Reportando ao que eu falei no início , o livro didático antes, antes de passar pela aprovação do MEC, se bem que recentemente foi descoberto uma fraude enorme aí mas as pessoas pagam pro livro ser aprovado, mas vamos deixar isso pra lá, no começo da minha carreira o livro didático não passava pelo crivo do MEC, não tinha o Programa Nacional do

Livro Didático, esse programa do livro, então os livros não passavam por isso, eles eram comerciais, então agente via que o professor escolhia o livro que era colorido, se aquilo era engraçado, eu até ousou repetir que nunca trabalhei com o livro na segunda série, um ano que eu trabalhei, tinha um texto, isso foi em 82 83, que era assim "A vaca, a vaca mimosa" mas a figura da vaca era de uma mulher, era vaca vestida de mulher, com brinco de mulher, batom de mulher, bolsinha de mulher e ela usava um vestido de bolinha e salto alto, e a gente achava lindo aquilo, olha que figura engraçada, Santo Deus! Atrás daquilo ali tinha todo um estigma, um preconceito, uma discriminação da mulher em relação a vaca, e na época a gente não tinha, ninguém tinha, depois que começou estudar, então tinha um outro texto no livro de Educação Moral e Cívica, que falava assim "O trabalho dignifica o homem" e eu escrevi isso, eu falava, quando na verdade hoje sabe-se que o homem dignifica o trabalho, um pedreiro tem que ser um excelente pedreiro, um mestre tem que ser um excelente mestre, e ele vai dignificar aquilo, então o preconceito, essas coisas atrás, por trás que instigavam as diferenças sociais isso foi muito abolido, ainda tem resquícios, a própria aprovação do MEC, classe A ou quantas estrelas, eles usam aí vários métodos pra selecionar pra eleger o livro, eu entendo que tem melhorado muito, muito mesmo, nossa não é nada daquilo.

Aluno: Quais os livros que você considera melhor, os livros de antigamente ou os de hoje?

P3: Os de hoje, obvio que, na verdade naquela época também os livros traziam textos de Monteiro Lobato, tinha uns textos interessantes não resta duvida, os infantis eram mais catastróficos, mas hoje, hoje o melhor de trabalhar não é nem pelo fato de não se ter preconceitos é porque a forma de abordar a interpretação dos textos é muito moderna, ela não pede respostas prontas ela pede pro aluno criar, emitir sua opinião, então o livro de hoje eles tem essa facilidade de trabalhar, exige mais do professor, exige porque antigamente era o obvio igual eu disse "Quem é Joãozinho? Onde ele estuda?, hoje não" Como você vê a pessoa do João? qual o ambiente em que ele vive? Socializa com seus colegas as informações. Quem você conhece que também estuda no 14?" quer dizer outra forma de abordar a interpretação, o professor tem que estar antenado em tudo, eu ate digo que o professor hoje bem informado ele tem que assistir desde o Programa do Ratinho ate todos os outros programas, isso não significa que ele vai amar o programa que seja sensacionalista, mas que se qualquer ocasião que surja esse assunto ele tem que estar ligado se não ele não vai ser um mediador de conhecimento ele vai ser só um reproduzidor do que o livro didático esta falando.

Aluno: Como você avalia as atividades que estão propostas no livro, você acha que elas contribuem porá formação do aluno ou simplesmente é pra fazer aquilo e pronto?

P3: A parte de interpretação tem melhorado muito, muito porque ela pede as opiniões, para o aluno emitir opiniões, pra ele fazer pesquisas na comunidade que ele vive, a gramática ainda é aquela coisa repetitiva, mas parece que como eu tava vendo aí o Pasquale falando né que parece que o ensino da gramática vai ser sempre uma, ele ate usou a expressão "dramática" vai ser de mate, de se matar, porque as pessoas tem essa dificuldade de trabalhar com a gramática por que ela é repetitiva, processual, então talvez eu não goste muito de gramática, mas trabalhar, engrandece muito mais o aluno a realmente a parte de interpretação de texto dos livros atuais, não resta duvida.

Aluno: E em relação ao método lingüístico do livro didático como você avalia isso?

P3: Eu tenho tido uma ótima experiência com esse ultimo da Sarmento que nós trabalhamos, eu entendi que ela abordou bem , carregou um pouco os textos, mas não é bem que ela carregou, eu até retiro isso, é que os alunos não estão preparados pra entender bem aquilo, porque o nível que eu te falei esta baixo, mas é pra 8ª série no meu caso, vi os 7ª da 6ª serie , analisamos agora esse ano outros livros não só este que eu estou usando, eu entendo que tem muito que se melhorar, já temos ai 80% de um caminho andado.

E também os textos do livro didático estão interligados com os exercícios gramaticais tem uma coerência entre eles, e tenho melhorado eu acho que mais uns anos estamos ai com ótimos , eu também quero fazer uma critica ao livro didático, eu acho que o excesso de conteúdo do livro didático está matando muito porque há professores que não consegue se soltar do livro didático, quando o professor não consegue se soltar do livro didático ele massacra o aluno com o livro didático, o aluno pega ojeriza do livro, tanto que ao final o livro esta um caso, rasgado, sujo de tanto que o professor fica naquilo, então ele quer avançar no conteúdo e passa cópia de textos para os alunos ler em casa, então temos algumas experiências recentes e terríveis ,talvez não seja muito conteúdo pra sala como eu uso que é pontual, que daí você tem amplitude pra escolher um exercício A ou B, um texto A ou B, mas pra quem é adepto do livro didático como bíblia as vezes o conteúdo é imenso., e tem coisas no livro didático que a gente tem que estudar, as vezes eu fico a noite pestanejando como eu vou fazer isso ou aquilo porque a gente tem o livro do mestre mas reproduzir simplesmente, até mesmo porque eu não concordo com algumas respostas do livro do mestre, mas isso também já é um outro parâmetro, o autor aborda de varias formas e a gente tem que saber, tem que se adequar e não pode mostrar para o aluno que estamos em duvida, a gente tem que dar um jeito de se virar e trabalhar.